

4468

Yanomami

Artes Plásticas/Hoje, a vernissage de Zaragoza na Galeria JBr. Página 7

Rock/Os Rolling Stones voltam com novo disco e novo show. Página 2

YAR 00 882

De olho na tragédia Yanomami



Em São Paulo, um audiovisual da fotógrafa Cláudia Andujar atrai milhares de pessoas que buscam compreender por que o genocídio dos Yanomami significa a morte do Brasil

Celso Araújo

Fotos: Divulgação - Cláudia Andujar

Uma mostra de audiovisual com 300 fotos dos índios Yanomami foi a exposição mais vista em São Paulo no mês de abril. Montada no Masp e chamada de **Genocídio do Yanomami. Morte do Brasil**, a exposição sequer foi noticiada por algumas redes de televisão, devido à clareza do título. Mas estudantes de toda São Paulo sentaram-se em silêncio para assistir ao audiovisual que trazia os índios em seu dia-a-dia na floresta, caçando, trabalhando, em rituais. À frente deste trabalho, a fotógrafa Cláudia Andujar. Ela própria se define um coquetel de nacionalidades, mas Cláudia é responsável por uma das mais sérias e consequentes documentações da vida dos povos indígenas no Brasil. Seu audiovisual é apresentado por 40 projetores de slides e 40 painéis, além de oito espelhos, que multiplicam aos olhos do espectador a sacralidade e dramaticidade deste povo cujo nome, etimologicamente, poderia significar "os escolhidos de Deus".

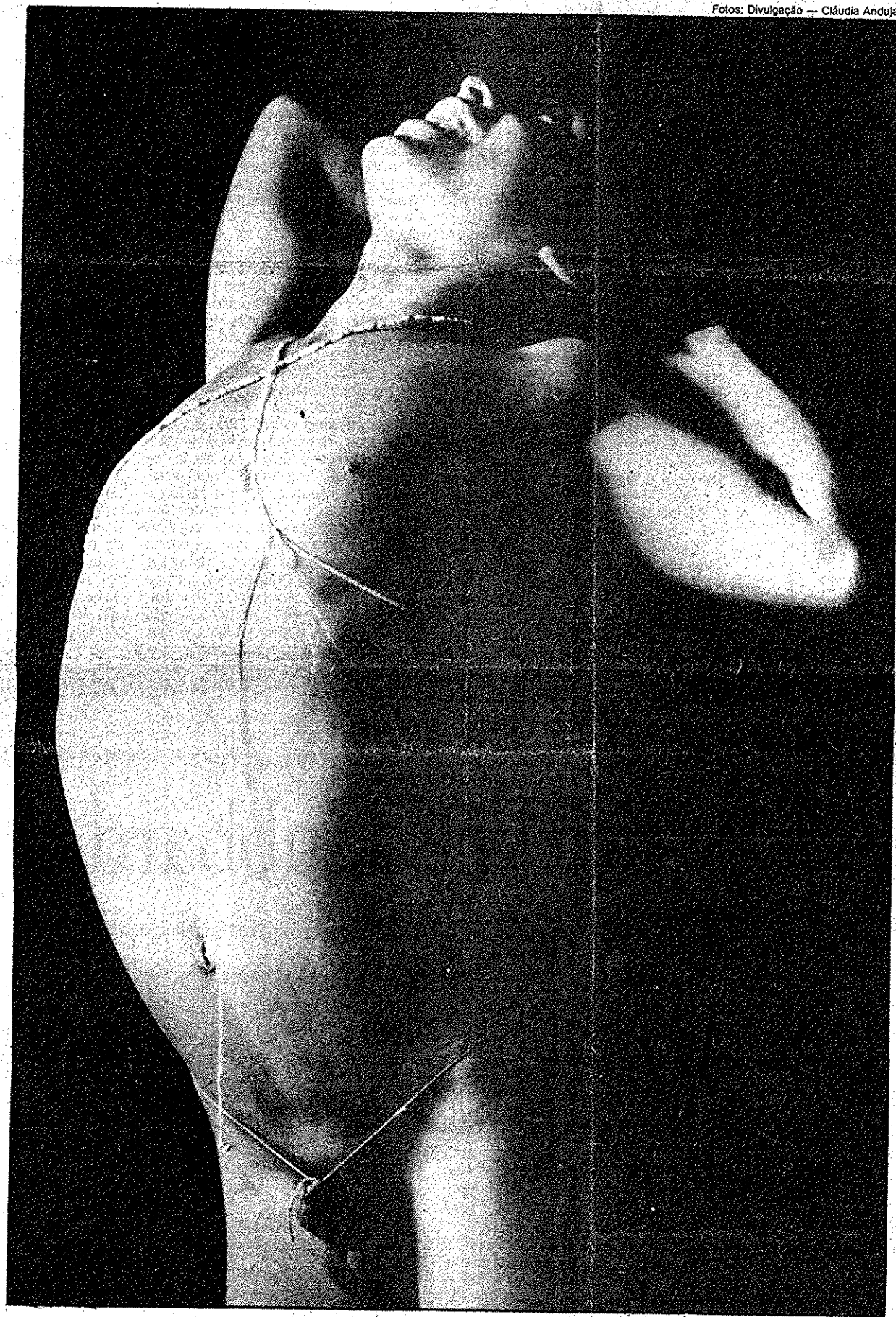
Mas Omami (Deus) abandonou os Yanomami à indiferença do governo, aos interesses das grandes empresas, ao veneno que polui os rios. Basta dizer que 150 pequenos aviões pou-sam diariamente nesta imensa reserva ecológica de 9 milhões de hectares em pistas clandestinas. Para um de seus líderes, Davi Kopenawa, a Funai já morreu. O Brasil, como nação, parece estar convicto de que o índio expressa unicamente uma condição social inferior, como os favelados do Rio ou os moradores dos mocambos de Recife. A expressão é de um maior brigadeiro. Uma outra autoridade manifestava o tipo de consciência dominante: "Sou de opinião de que uma área rica como essa, com ouro, diamante, urânio, não pode se dar ao luxo de conservar meia dúzia de tribos indígenas atravancando o desenvolvimento".

A nação Yanomami se compõe de mais de 20 mil índios, num território que vai das cabeceiras do rio Orinoco, na Venezuela, para além do traçado da rodovia Perimetral Norte. O milagre brasileiro, a tal integração nacional proclamada pelo general Geisel, provocou apenas frutos de desgraça. Os documentos dizem tudo: A Comissão pela Criação do Parque Yanomami tem todos os dados para quem quiser conferir. E quer a urgente demarcação do Parque, a revogação imediata dos 19 decretos presidenciais de fevereiro deste ano, a retirada definitiva dos garimpeiros e a responsabilização criminal de todos os que favorecerem o genocídio dos Yanomami.

"Quando os lugares sagrados forem tocados, a noite virá, a noite como a brisa da manhã, pois eu estarei me pondo fraco. A noite virá como o vento, pois eu estarei morrendo". A grande profecia dos filhos de Omami está-se cumprindo. A dança da destruição está em cartaz e sua temporada, parece, vai prolongar-se.

JBr — Em que situação de sua vida profissional você chegou aos Yanomami? Com que interesses e questões?

Cláudia Andujar — Meu primeiro contato com os Yanomami foi em 1971. Na época, eu trabalhava como "free-lancer" para a revista **Realidade** e eles fizeram uma edição especial sobre a Amazônia, na qual tinha uma matéria sobre um grupo indígena que vivia perto do Pico da Neblina. Foi meu primeiro contato com eles. Meu interesse pela questão dos índios é mais antigo. Meus primeiros trabalhos foram no final dos anos 50, no Brasil Central. A questão das minorias me interessa e me acompanha na vida desde cedo. Eu comecei a fotografar por causa dos índios. Eu tinha necessidade de me comunicar e de comunicar para o mundo o que estava conhecendo. Como profissional, trabalhei em fotojornalismo para revistas brasileiras e estrangeiras. Fiz outras coisas também ligadas à questão humana, o que sempre me interessou. Em 70, eu senti que queria aprofundar esse conhecimento e fiquei à procura de um grupo indígena com o qual pudesse fazer um estudo mais aprofundado. Coincidentemente, acabei nos Yanomami e me interessei por eles. A partir de lá, deixei até de um modo devagar esse lado profissional. E tentei conseguir bolsas para poder realizar esses estudos, sem ter que me preocupar para sobreviver. Felizmente, consegui me aprofundar no tema, desenvolvendo uma documentação que, não acho



acabada, é uma proposta de vida para mim.

JBr — Em 71, qual era a sua visão da questão Yanomami? Você sentia a dimensão do problema como hoje, a ponto deste audiovisual chamar-se Genocídio do Yanomami: Morte do Brasil?

Cláudia Andujar — A preocupação existe desde o final dos anos 50. Na época, fiz um trabalho menos detalhado entre os índios Carajás e percebi a problemática, é óbvio. Os Yanomami são considerados até hoje como um dos últimos povos indígenas da Amazônia que conseguiram manter sua cultura. Isso até há dois anos atrás. Em 71, 72, 74, voltei a cada ano e era uma situação ainda muito dentro do mundo tradicional de-

les. Por causa disso, a gente sentia essa enorme vulnerabilidade deles, que preocupou. Só que a ameaça não estava lá como está hoje, mas a gente sentia algo muito frágil, de ver em que momento eles iam entrar nessa dança de destruição que realmente aconteceu. Em 74, eu estava entre eles, fiquei quatro meses lá, acompanhei as caçadas, tentei ao máximo entender, documentar, sempre com muito respeito também. Eu não levanto a máquina para fotografar, especialmente em frente de pessoas que não entendem o que isso significa, se eu não sinto que eles não têm confiança em mim. Foi nessa época que houve a primeira invasão na terra deles, quando foi construída a estrada Perimetral Norte. Começa-

ram as epidemias, o que me chocou muito. Até ao ponto de, a uma certa altura eu deixar de fotografar e começar só a conviver e a tentar aliviar a situação da maneira que estava ao meu alcance. Tentei ajudar na enfermagem, sem ser enfermeira. Eram momentos de grandes tragédias e eu estava lá quando metade da população de uma aldeia foi dizimada em meses. A gente faz o que é possível. Quando tem três gatos pingados tentando salvar os índios em situação de desastre, a gente aprende até a dar injeções. Deixei a fotografia. A partir daí, eu mudei, no sentido de que comecei a ver a destruição que se desencadeava. Em 76 voltei e fiquei mais quatorze meses. Foi nesse período que fiz o meu trabalho mais importante de documentação, enquanto construíam a Perimetral Norte. Tentei penetrar dentro da cultura, dos mitos, ver como eles interpretavam as doenças. Até hoje, muitos entre eles acreditam que as doenças vêm essencialmente por feitiço, mesmo naquelas aldeias em que morreu a metade da população por causa do sarampo, que vem de fora. Eles achavam que era feitiço de origem deles. Não conseguiram perceber isso. É trágico. Entendendo isso a gente entende como esses primeiros contatos são violentos, quando há um choque com a nossa cultura também. Em 76, também, pela primeira vez eu fui retirada da área pelo governo.

JBr — Quantas vezes você teve de retirar-se da área?

Cláudia Andujar — Duas vezes, pela Funai. Hoje não é mais só a Funai. Há dois anos, o antigo Conselho de Segurança Nacional proibiu a mim e aos meus companheiros de traba-

lhar com os índios. Voltei para a cidade. Em 78, o governo fez 21 portarias em que dividia a área Yanomami em pequenas ilhas. Foi naquela época que as pessoas entraram em acordo para iniciar um trabalho de conscientização. Formamos a **Comissão pela Criação do Parque Yanomami**. Publiquei livros essencialmente fotográficos, com textos escritos por outras pessoas e, então, fiquei como coordenadora dessa Comissão. Ela cresceu e a gente entrou numa campanha em relação à questão das terras e em relação à sobrevivência dos índios, que dura até hoje.

JBr — E o que esta Comissão conseguiu e ainda tem de conseguir?

Cláudia Andujar — A gente conseguiu uma divulgação muito grande, porque em 79, quando se falava dos Yanomami, ninguém sabia do que se tratava. Essa sensibilização obviamente, deu certo, em certos setores. Na mídia, se fala muito e através desta exposição no Masp passam por dia centenas de alunos que vêm conhecer a questão. Fora do Brasil, a questão também é muito conhecida. Organismos como a ONU, a OEA, a Anistia Internacional, também deram seu apoio. E conseguimos, por causa disso, ganhar tempo. Se não tivesse sido tão ventilada como foi, a área teria sido invadida há dez anos, pelo menos, quando se descobriu que ali havia minérios. A pressão, sofrida através de todos esses anos foi enorme. Felizmente, tivemos o apoio do Congresso Nacional. No último dia 19, o Davi Kopenawa recebeu uma homenagem no Congresso e é a primeira vez que isso acontece na História do Brasil. O ano passado ele foi premiado pela ONU pela defesa do meio-ambiente. Foi o primeiro índio a ganhar esse prêmio, o mesmo que Chico Mendes ganhou. Tudo isso tem que influir. O que a gente está querendo é ganhar tempo.

JBr — E no momento, qual a situação real dos Yanomami?

Cláudia Andujar — A situação é trágica, porque, apesar de tudo isso, tem uma invasão de 45 a 50 mil garimpeiros na área, que estão lá ilegalmente. O governo brasileiro, mais uma vez, depois de 11 anos, depois de várias vezes ter reconhecido a área como área contínua, em 85 a própria Funai reconheceu a área completa do Parque Yanomami, mais uma vez o governo dividiu a área em 19 áreas separadas. Isso é muito simples para explicar. O Projeto **Calha Norte**, na fronteira, definiu como doutrina não criar grandes áreas contínuas para populações indígenas. Estamos quase de volta a 79, com a grande diferença que hoje existe essa invasão lá, que o governo brasileiro permitiu e na qual continua sendo omissa. A situação hoje é de genocídio. Mais que nunca, queremos continuar a campanha.

JBr — Efetivamente, o Parque Yanomami não está criado, não é?

Cláudia Andujar — Não, não está. A última medida do governo Sarney são as 19 áreas descontínuas, que representam um terço do território tradicional dos Yanomami. Uma medida inconstitucional e que vai ser contestada.

JBr — E como está sua relação com os Yanomami? Como eles próprios se conduzem nessas questões?

Cláudia Andujar — A Comissão do Parque Yanomami teve um trabalho de saúde na região da serra Parima, a região mais isolada e a de maior densidade populacional (4 mil índios). A Comissão foi nessas áreas por diversas razões. Os índios são mais vulneráveis, nunca ninguém quis ir lá, porque é de difícil acesso. A Funai sempre se limitou a fazer um trabalho assistencial, entre aspas, nos postos, mas onde se tratava de andar de dois a três dias para alcançar as aldeias, isso nunca foi feito. Por essa razão, nosso conhecimento da área é muito grande. Nosso alvo não era um lugar específico. Hoje estamos proibidos de entrar lá, mas a gente mantém um contato com os índios. Desde 87, estamos proibidos, todos os médicos, dentistas, pesquisadores e antropólogos. Um pessoal que sabe falar a língua. Nunca foi dito oficialmente por quê. Simplesmente vem uma frase: não convém, assinada pelo general Bayma Dennis. O que a gente sabe é que nós somos testemunhas do que está acontecendo lá. Fizemos muitas amizades e os índios nos procuram. A Funai, em Boa Vista-Roraima, proibiu os índios de nos procurarem para falar conosco. Mas existem ligações de amizade que são mais fortes que a repressão.

